Reflexão

O AGRO UNE O BRASIL



Luiz Carlos Corrêa Carvalho*

O SEGUNDO turno do pleito para a Presidência da República no Brasil mostrou um equilíbrio político inédito entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e coligações e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e partidos que o apoiaram. A diferença apurada pelas urnas registrou uma margem estreita de apenas 3,3%. A próxima gestão presidencial, de 2015 a 2018, terá adiante um cenário bem diferente daquele vigente no período anterior, com uma disputa mais acirrada entre a posição e a oposição. Por sua vez, a demanda dos brasileiros também será outra em desejo e anseios.

Existem, no Brasil, cerca de trinta e três partidos registrados no Tribunal Superior Eleitoral. No próximo mandato, o número de partidos com representação no Congresso Nacional passará dos atuais vinte e dois para vinte e oito. Essa tendência de fragmentação do sistema político diminui a importância de elementos essenciais ao desenvolvimento democrático, como a representatividade e o voto. Para atender os mais dispersos interesses e influências, o Governo monta uma máquina administrativa com trinta e nove ministérios, com muita sobreposição e distorção. O agronegócio, com toda a sua pujança e dinâmica, é muito penalizado nesse modelo, porque falta uma gestão matricial.

Junto a outras entidades do agro, a ABAG foi signatária de um documento amplo e profundo coordenado pelo Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas. Os principais candidatos à Presidência da República tomaram conhecimento deste trabalho em agosto último. No 13º Congresso Brasileiro do Agronegócio, o seu conteúdo serviu de base para discussão entre as equipes dos candidatos, com ampla repercussão na sociedade. Fruto dessa intensa mobilização e de outras, o setor recebeu assédio constante da classe política, coisa pouco vista no passado.

Como estamos, na verdade, em outros tempos, precisamos de urgentes adaptações e rearranjos. Temos de olhar para frente. Há uma mudança na forma de ver e entender o agronegócio pela sociedade brasileira, como apontam as pesquisas realizadas nos últimos anos. Cada vez mais, a percepção das pessoas é de que ele seja um setor fundamental para o crescimento econômico e social do Brasil. A expansão das fronteiras agropecuárias faz a integração do País e leva riqueza para o interior, como bem mostram os índices de desenvolvimento humano (IDH) dos municípios.

O agro ajuda a unir o País, assim como fez em países como os Estados Unidos. Não é apenas o olhar limitado na produção rural, mas, sim, a consolidação de cadeias produtivas complexas, com atividades industriais e de serviços. Veja a contribuição disso tudo para a balança comercial brasileira. A demanda mundial de proteína animal, além de alavancar a pecuária, favorece a combinação dos grãos de milho e soja, com a produção das carnes de aves e suínos. A indústria da cana-de-açúcar, afetada por uma política pública equivocada no controle dos preços dos combustíveis, deixa de explorar seu potencial no açúcar, no etanol e na cogeração de energia.

O agro, sem arrogância, tem conseguido dar suporte à balança comercial brasileira, sempre com visão prioritária para o crescimento e desenvolvimento do País. As projeções para o horizonte próximo e futuro são de fortes incrementos na produção e na exportação dos produtos no agronegócio brasileiro, segundo as mais diversas fontes de informação, sejam nacionais ou internacionais. A demanda por investimentos em infraestrutura e logística irá acentuar-se ainda mais. Cabem, portanto, um ordenamento e um planejamento básico para os resultados aparecerem naturalmente. ■

* Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)